

# O HUMANISMO

Prof. Dr. Sabino Alonso Fueyo

Conselheiro de Informações e Turismo  
na Embaixada da Espanha — Lisboa

## I — HUMANISMO ESTÁ NA MODA

Sobre o humanismo publicaram-se ultimamente vários livros importantes, realizaram-se simpósios, colóquios... o próprio Papa Paulo VI insistiu na necessidade de que os pensadores de reflexão profunda procurem um "humanismo nôvo", o qual permita ao homem moderno encontrar-se a si mesmo... Quer dizer que o tema do homem, a aventura técnica e intelectual do homem do nosso tempo, é atualidade, máxima atualidade; mas o homem concreto, não a abstração homem, a que se referiam freqüentemente as teorias científicas e filosóficas. Em definitivo, está na moda a meditação e preocupação em torno do homem que nasce, sofre e morre a nosso lado. E é precisamente o homem que Don Miguel de Unamuno queria converter no sujeito e simultaneamente no supremo objeto de toda a filosofia.

Se nos fixarmos na literatura universal contemporânea, encontraremos razões que garantem estas palavras. Os maiores literatos de hoje ocupam-se do tema, enfrentam-se com o fenómeno de desenraizamento vivido em grande parte pela humanidade, causado principalmente pelos transtornos que surgiram e continuam a surgir no mundo com toda a espécie de violências. Um desenraizamento equivalente à falta de certeza, à sensação de impotência, e que se refere ao homem em si mesmo e a cada homem na sociedade.

Recordai Kafka e vereis que os seus vaticínios se verificaram. O mesmo poderemos dizer com respeito a Camus e a Jean Paul Sartre. Atendei ao que se costuma chamar "a literatura das situações extremas ou de negações" e parecer-vos-á que tudo funciona racionalmente... ao serviço de uma desordem completa; tudo acontece inteligentemente, ao serviço do absurdo.

UMA FILOSOFIA DA ESPERANÇA — Naturalmente, fora dos seus intrínsecos valores estéticos, uma literatura constitui testemunho de uma época e de uma área histórica e geográfica. Traz à luz da expressão modos de ser coletivos, e com eles, modos de pensar, de sentir, de crer ou de não crer, que acabam por confluír na situação de desterrados e forasteiros que assumem as personagens, por exemplo, de um novelista como Camus. Cada in-

divíduo representa, por si mesmo, uma solução de continuidade, uma ruptura, um isolamento total, uma solidão. A idéia benfeitora da humanidade, concebida como uma cadeia contínua na qual cada indivíduo ou "elo" representa o seu papel e desempenha a sua função solidária e aglutinante no grande conjunto, essa idéia benfeitora perdeu-se nas atuais literaturas de negação.

Isto supõe, indubitavelmente, um aspecto fundamental do humano; algo constitutivo e integrante da personalidade humana. Na realidade — e ele constitui o valor da existência terrestre — todos praticamos mais ou menos o egoísmo, todos "gostamos" mais ou menos da náusea. A vida, em si mesma, tem as suas entranhas dolorosas: penas, desgostos, aflições desta sociedade imperfeita, que nos deixa de mau humor e que nos tira o sono. A apatia das multidões em tôdas as latitudes, o seu fastio e desprezo perante os valores e símbolos ideais de cada povo, êsse internacionalismo confuso e difuso... não são mais que "negações existenciais".

Mas o homem, que é verdadeiro protagonista, aparece em tôda a sua plenitude quando, além disso, erige, em frente a essa "filosofia de desespero", uma filosofia da esperança. O poeta Yvetuchenko acaba de dizer em Paris a propósito de Fátima... "A esperança existe já na Terra, se nos molestarmos a procurá-la..."

O HOMEM INTEGRAL — De acôrdo em que, por um lado, a essência da nossa existência é a angústia. O humanismo que conseqüentemente brota desta visão parcial da existência não se referirá ao homem total, em plenitude, porque também é certo que procuramos ilusoriamente a fé no meio do cepticismo, a serenidade no meio da confusão, a felicidade no meio da desventura.

Abundam, certamente, as situações de cariz pessimista, mas também são constantes os desejos de superação, de acreditar em "algo" estável. O homem não pode viver sem alguma crença radical, sem uma certa fé: e o firo-me à fé enquanto significa melhor a posse ou conquista de uma "certeza", não pela jubilosa complacência em cada um, mas também porque tem que estar seguro de "algumas coisas primordiais" para levar adiante a própria existência. Digamo-lo com palavras do prof. López-Ibor: "... A vida humana não é possível sem o canto da esperança, que apenas despoja as páginas da literatura da condição humana, mas que existe. Não a esperança no seu sentido quotidiano e vulgar de um novo prazer ou de uma nova satisfação, mas a que transcende da própria vida e a ultrapassa..."

É certo que o homem é um ser constitutivamente crítico, tanto individual como coletivamente, porque é um ser constitutivamente histórico. Historicamente, desde o ângulo decisivo da consciência, isto é, desde o seu ângulo histórico, se pode falar de crise num momento em que o homem vive a consciência da existência, sem raízes nem princípios, acudindo a uma terapêutica de razão ou tecnificação como recurso supremo da sua angústia de solidão.

Mas é igualmente certo que tôda a crise e, simultaneamente, um esforço de superá-la, de conseguir o esforço para estender uma ponte sobre "êsse mal do século que é o nihilismo", que torne tolerável a existência. Queremos encarar de frente o mal para o conhecer e saber que é produto de certas causas, de certas condições, tôdas elas muito poderosas, mas que podem ser modificadas por um vigoroso ideal. Ele dar-nos-ia forças suficientes para a luta e para a resistência.

Dar-nos-ia uma meta racional da vida, uma firme vontade para conseguí-la e uma clara norma de moralidade. Uma nova moral do entusiasmo.

## II — UM NÔVO HUMANISMO — O TERCEIRO HOMEM

Dizíamos num artigo anterior que é atualidade, máxima atualidade, a meditação e preocupação em tôrno do homem que, a nosso lado, nasce, sofre e morre; que está na moda o humanismo. O que quer dizer que está na moda a psicologia chamada das profundidades, a antropologia filosófica e o existencialismo.

Como se nos apresenta, através destas disciplinas científicas, o homem do nosso tempo?

Antecipemos uma resposta apressada: o homem contemporâneo vive geralmente no isolamento, sem fragâncias humanas, sem intimidade substancial, sem essa disposição admirativa e reverencial que lhe é básica. Vive, talvez, a fase mais crítica da sua história, que compreende e supera a reforma de costumes: indica, inclusivamente, uma fragilidade da existência desde os seus alicerces metafísicos. A sua crise tem indubitavelmente um fundo único: a angústia existencial, o desassossego, a desconfiança. Eis aqui outros tantos aspectos da situação constitutivamente insegura do homem atual, que se encontra quase à beira da sua própria "inessencialidade".

Não será por causa disto que procuramos o homem onde realmente não está? Não o estaremos procurando com uma disposição de ânimo e uma vontade investigadora inadequadas, inaptas para captar o "humanismo autêntico?" O homem continua a ser "êsse desconhecido", apesar do muito que se vem escrevendo sôbre ele, contrariamente a tantas antropologias urgentes. Por isso o próprio homem continua a ser um grande problema e faz-se muitas vêzes de humanismo sem que o verdadeiro homem apareça em lado algum. Escreve-se demasiado sôbre o homem e tanta literatura desorienta-nos, atordoa-nos; não deixa lugar para uma sabedoria que ilumine o homem do nosso tempo frescos mananciais de humanidade, a esperança por um mundo melhor.

TRÊS CONCEPÇÕES DIFERENTES — Freud, inspirando-se no critério das ciências naturais, põe em evidência a importância dinâmica e configuradora que têm o instinto e o sentimento na condição humana; que têm a experiência vivida e a possibilidade de vivê-la peculiarmente. A sua visão da discordância íntima e radical, do egoísmo e a propensão para praticar o mal, da angústia diante do mundo e diante da consciência moral... correspondem a aspectos efetivos do ser do homem.

Para o filósofo Ernst Cassirer, pelo contrário, o homem não vive só a sua vida, mas também a exprime em formas simbólicas da linguagem, do pensamento crítico e da fenomenologia do conhecimento. Vive numa atmosfera relacionadora e criadora que concretiza a cultura.

Karl Jaspers, dentro da corrente do existencialismo, adota uma posição central, supera o positivismo e o idealismo. Ao homem, o que êle é realmente, não se lhe apreende nem pela reflexão nem pela intuição, porque não é um objeto nem um horizonte de fenômenos e possibilidades. É ser histórico, enquanto a história é campo de aventura no qual, com a ação interna e externa, o temporal é capaz de se vincular ao eterno e a necessidade à liberdade.

A FECUNDIDADE DO ÊRRO — Acabamos de expor muito sucintamente três concepções de agora acêrca do homem, de contrastes profundos, mas com uma tendência comum: a de elevar o dinamismo à categoria suprema do conhecimento. Nada é absoluto, nada é essencialmente objetivo. Tudo é puro processo transitório, meramente efêmero.

Quer dizer, que aquelas dogmáticas defesas da pessoa humana, feitas desde uma perspectiva medieval ficam fulminadas. E é agora que entramos totalmente no jôgo da polêmica. Porque, se defendermos bem, a partir de uma postura católica, o destino imortal do homem, reconhecemos também a validade e a grandeza da posição existencialista como algo de que não nos é possível prescindir na hora de falar do "humanismo nôvo".

Que alguém possa dizer que estamos cometendo um êrro? Não importa! Atréver-nos-famos a defender também a fecundidade do êrro, porque o êrro desde o momento em que é chamado assim é um perigo descoberto depois de ter cumprido melhor ou pior uma missão explicativa; é portanto um perigo sôbre o qual se pode passar; o êrro assim entendido está na base de tôda a melhoria humana e o dogmatismo, no seu empenho de não reconhecer erros, representa, não obstante, a vontade de não melhorar.

UM NÔVO HUMANISMO — Que nos digam então a norma de ação em circunstâncias tão dramáticas! Que nos indiquem "o" caminho entre tantas desorientações!

Creemos que à nova geração corresponde, sobretudo, a tarefa de recuperar e salvar quanto de verdade estêve misturado entre os erros dos tempos. Todo o sistema, até o mais errôneo, contém sempre uma parte de verdade; é sômente por fôrça desta verdade exagerada, diminuída ou disfarçada que o êrro pode ser acolhido pela inteligência humana e obter o seu assertivo.

São, pois, estas partes de verdade, dispersas nos vários sistemas e postas ao serviço do êrro, as que devem ser recuperadas, interpretadas e situadas numa nova síntese harmoniosa de vida e de pensamento. Ascenderíamos então à era de um nôvo humanismo que fôsse como que a recuperação do quanto de verdadeiro e bom se tivesse produzido nas civilizações precedentes. Onde o homem seja êle mesmo, o que importa substancialmente.

Estar-nos-emos referindo por acaso a um "humanismo cristão?"

Ou, pelo contrário, será verdade que o Cristianismo não é um humanismo?

Encontramo-nos perante um tema de reflexão próxima. Um pergunta que bem poderiam merecer um nôvo artigo. Pensemos que o cristão de hoje, o nôvo homem que está surgindo quer voltar à essência do cristianismo sem se emaranhar nem confundir pelos ramos. Quer professar — como disse Paulo VI — a moral do desenvolvimento individual e coletivo: pessoal, familiar e mundial.

Tal é a orientação que procura esperançadamente êsse TERCEIRO MEM do NÔVO HUMANISMO 1967.

## HUMANISMO E O "HUMANISMO"

Há uma frase na encíclica "Populorum Progressio" que nos é grata recordar. A frase é de Paulo VI e diz assim: "O Homem não se realiza si mesmo senão superando-se". O papa Montini parte dessa afirmação pa-

assinalar uma meta: "Promover um humanismo pleno, com o exercício de uma moral do desenvolvimento individual e coletivo: pessoal, familiar e mundial".

Dizíamos no nosso artigo anterior que o homem atual está alheado do seu próprio ser; vive desinteriorizado, sem reservas espirituais para poder olhar frente a frente as eternas condições da existência humana. Vive, em definitivo, uma fase dramaticamente crítica. Mas não é possível viver com uma consciência permanente da crise. Logo, tôda a crise é, simultaneamente, o intento de a superar, de encontrar aquilo que substitua o que desaparece: o esforço para estender uma ponte sôbre o abismo que separa o homem do passado e do futuro.

Recordemos que o homem medieval adotava, ante a vida e a morte, uma atitude puramente passiva; vivia consoante uma ordem preestabelecida, cuja violação constituía pecado. Com a simples observação histórico-teológica do curso das coisas pôde iluminar assim relações de sentido e de estruturas que imediatamente foram institucionalizadas. O homem, então, sentia-se tranqüilo, seguro, obedecendo sem mais. A obediência era a forma suprema da sua conduta.

Para o homem moderno, pelo contrário, o espírito revolucionário é o principal, e o revolucionário insurge-se contra o sistema de ideais, estabelecido contra todo o conformismo. Já não se vive passivamente ante o poder sem iniciativas próprias, senão em rebeldia, na virtude mística de rebelião.

E é agora quando o professor Címadevilla nos vai dizer num recente artigo que se perdeu também a inocência da rebelião. Quem se subleva inocentemente em nome da justiça, da liberdade ou dos direitos do homem? Começa-se pedindo justiça — disse Camus — e termina-se fuzilando. "O homem sublevado" não pode encontrar o repouso porque conhece o bem e pratica, apesar de si mesmo, o mal.

EXISTENCIALISMO E "REUMANIZAÇÃO" — Estará aí, nessa moral de responsabilidade, o "terceiro homem" do "nôvo humanismo" a que se refere o papa Montini?

Uma vez mais voltamos ao tema da "reumanização" do homem e a discrepância de critérios tornar-se-á patente rapidamente, porque para os marxistas **reumanizar** equivale a mergulhar o homem no social, única maneira de chegar a apropriar-se de si mesmo. O homem do marxismo acabará sendo o resultado da sua socialização; a sua espiritualidade será a superestrutura da realidade material... Quer dizer, pretende-se **reumanizar** o homem, anulando uma dimensão essencial sua: a religiosa. Como se a doutrina de nada mais esperar além da pura finitude tornasse possível a convivência!

Para o existencialismo de Sartre o único universo que há é o universo humano da subjetividade, e nisso consiste o seu humanismo... O homem é uma paixão inútil, tudo é absurdo. Não há mais remédio senão comprometer-se, e todo o compromisso é vão. Nada existe sôbre uma confiança sem limites no esforço individual coletivo.

Eis aqui outro humanismo que, como o marxista, é incapaz de se transcender numa objetividade salvadora. Os dois brotam, por conseqüência, de uma visão parcial da existência. Os dois oferecem uma "reumanização" unilateral do homem ancorado na existência pura e não no "horizonte entre dois

mundos", onde a pessoa, que vive no temporal, não pertence exclusivamente ao temporal. Atrás das estrêlas haverá sempre uma razão suprema para viver, morrer ou sacrificar-se.

HUMANISMO PLENO — Talvez estejamos aperfeiçoando de algum modo esse tipo de "humanismo pleno" a que se referiu Paulo VI, no qual não será protagonista nem o homem submisso, domesticado, cegamente obediente; nem o homem "revolté" de Camus, revoltado contra a injustiça que lhe é movida, mas sim o homem responsável. Uma responsabilidade que no fundo se pode reduzir à solidariedade de uma pessoa com outra pessoa, com uma coisa ou um fato, assim como à solidariedade da pessoa consigo mesma.

Não há dúvida que agora existe — sobretudo depois do Vaticano II — uma atitude diferente do cristianismo perante a vida, consumado já o processo de desencanto do mundo. (Esta vida, que é tão triste e, apesar disso, tão bela; na qual os momentos de felicidade são tão preciosos porque são permanentemente transitórios). As exigências da ciência eliminaram aquela atitude expecante do homem que lhe dava a transcendência como força confirmadora do seu futuro. Por isso, a Igreja faz frente à crise, renovando-se, reconciliando-se com o mundo, que já deixa de ser um dos três "inimigos da alma". O Cristianismo "mundaniza-se", toma decisões concretas e comprometidas ante situações humanas, sai, inclusivamente, ao encontro do marxismo em terreno comum. Na realidade, viver é, para o homem, simultaneamente, estar no mundo e conviver, uma relação ininterrupta com a circunstância, com o próximo.

É à luz destas considerações como se pode falar de um "humanismo cristão" ou suster que o Cristianismo já não é um humanismo, mas sim "o" humanismo. O homem, dentro dêle, sente-se livre e responsável na medida em que é. Primeiro ser autenticamente, porque a responsabilidade e a liberdade nada significam em si mesmas. Valem o que vale o homem, e o valor dêste mede-se pela densidade do seu ser e pela profundidade do seu amor: por essa textura de relações que supõe a presença íntima do "outro" no próprio seio do "eu". Pela sua introdução radical na realidade histórica que lhe faz procurar e lhe torna possível o achado de novas respostas às novas perguntas da História.

Tal é a nova tomada de consciência do Cristianismo de hoje no seu diálogo com o mundo, cujos valores reconhece, porque se não estivéssemos apegados aos nossos bens, à nossa posição, às nossas coisas... considerar-nos-íamos como nada. Sentir-nos-íamos como náufragos sem praia.